

Poderes se unem para exaltar a força da democracia e defender punição ao golpismo

8 de Janeiro Chefes dos três Poderes fazem apelo por punição aos extremistas

‘Não há perdão para quem atenta contra a democracia’

De Brasília

Um ano depois dos atos golpistas de 8 de janeiro de 2023, autoridades dos três Poderes reuniram-se nessa segunda-feira em Brasília para reafirmar a defesa da democracia e cobrar responsabilização dos envolvidos nos ataques. Ao mesmo tempo que reforçaram a solidez das instituições diante dos desdobramentos dos atentados, os participantes nas solenidades fizeram um apelo por punição aos extremistas e regulamentação das redes sociais, sob pena de uma repetição do episódio em eleições futuras.

Os eventos tiveram início com a abertura de uma exposição no Supremo Tribunal Federal (STF), edifício bastante atingido pelos ataques do ano passado. Mais tarde, uma cerimônia no Congresso Nacional marcou o aniversário da tentativa de golpe realizada por apoiadores do ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) que não aceitavam o resultado da eleição.

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva empenhou-se pessoalmente para que o evento, repleto de simbologias e citações à Constituição, estivesse lotado. Ele pediu que ministros adiassem as férias e também manteve articulações com autoridades dos demais Poderes. Ao encerrar a cerimônia no Parlamento, Lula rechaçou a possibilidade de anistia aos envolvidos. “Não há perdão para quem atenta contra a democracia, seu país e seu próprio povo. O perdão soaria como impunidade, o que seria salvo-conduto para novos atos terroristas.”

Como tem feito desde que assumiu a presidência do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) e a relatório de inquéritos que apuram atos antidemocráticos no país, o ministro Alexandre de Moraes defendeu a responsabilização das plataformas digitais pela disseminação de notícias falsas e discursos de ódio.

“A ausência de regulamentação, somada à falta de transparência, tornou os usuários suscetíveis à demagogia e à manipulação política, possibilitando a atuação de aspirantes a ditadores”, disse. Para Moraes, as chamadas “big techs” estão sendo “instrumentalizadas pelo novo populismo digital extremista, um dos grandes perigos

modernos da democracia”.

O evento no Supremo foi aberto com a transmissão do som dos ataques à Corte pelos radicais, seguido por um vídeo com declarações dos ministros acerca do atentado.

O presidente da Corte, ministro Luís Roberto Barroso, chamou os golpistas de “aprendizes de terroristas” e disse que suas condutas não podem ser minimizadas. “Tratá-los com condescendência é dar incentivo para que os derrotados da próxima eleição, sejam quem forem, também se sintam no direito de depredar os prédios das instituições públicas.”

O ministro se disse “impressionado” com o fato de que os extremistas, depois de devastarem o plenário, se ajoelharam no chão e rezaram. “Falsos religiosos que não cultivam o bem, a paz e o amor. Desmoralizaram Deus e a bandeira nacional.”

Ele fez um apelo por diálogo apesar das diferenças ideológicas e acrescentou que “ninguém tem o monopólio do amor ao Brasil”. “Quem pensa diferente de mim não é inimigo, mas parceiro na construção de uma sociedade aberta, plural e democrática. A verdade não tem dono. O Brasil merece a verdadeira pacificação da sociedade.”

A ministra aposentada Rosa Weber, presidente do STF na época dos ataques, disse que os atentados às sedes dos três Poderes foram “uma investida autoritária, espúria, obscurantista e ultrajante, insuflada pelo ódio e pela ignorância contra as instituições democráticas”.

Rosa lembrou da “tristeza e desconsolação” que sentiu ao chegar ao STF após a depredação, mas disse que esses sentimentos foram diretamente proporcionais à energia para proceder com a reconstrução do edifício — em 1º de fevereiro, os trabalhos do Judiciário puderam ser reiniciados normalmente.

“Essa data há de se constituir

“Precisamos de um choque de cividade no país. Ódio nunca mais”
Luís Roberto Barroso



Chefes dos três Poderes, Lula, Barroso e Pacheco reafirmam valores da democracia e defesa da Constituição brasileira em ato que relembra o 8 de Janeiro



José Múcio ao lado dos comandantes militares: eles compareceram à cerimônia porque "lutaram pela democracia"

sempre o dia da infância, mas a outra face é a resistência da democracia. É preciso cultivar o jardim da democracia na defesa e no fortalecimento das instituições democráticas”, disse a ministra, que foi aplaudida de pé.

Em seguida, as autoridades se dirigiram ao Congresso, onde os atos continuaram. O evento não contou com a presença do presidente da Câmara dos Deputados, Arthur Lira (PP-AL), Governadores de oposição, como o de Minas Gerais, Romeu Zema (Novo), também não compareceram, assim como os ministros do STF Nunes Marques, André Mendonça, Dias Toffoli e Luiz Fux (ver também página A9).

Já os três comandantes das Forças Armadas estiveram presentes. O ministro da Defesa, José Múcio Monteiro, frisou que eles foram à cerimônia “porque, afinal, lutaram pela democracia”. Ele destacou que, apesar das pressões do bolsonarismo, a maioria dos militares é legalista.

O evento “Democracia Inabalada” foi aberto pela ministra da

Cultura, Margareth Menezes, que cantou o Hino Nacional. Pouco antes do início da cerimônia, Lula e Barroso, juntamente com o presidente do Senado, Rodrigo Pacheco (PSD-MG), fizeram uma visita guiada pelas obras restauradas após a destruição.

Em nome do Fórum Nacional dos Governadores, a primeira a discursar foi a governadora do Rio Grande do Norte, Fátima Bezerra. Petista, ela classificou o 8 de janeiro como “uma das páginas mais infelizes da história” e defendeu que os extremistas não sejam anistiados.

Depois, o procurador-geral da República, Paulo Gonet, disse que quem pratica atos antidemocráticos precisa sofrer as consequências

A impunidade, e o esquecimento não representam paz e união”
A. de Moraes

penais e que cabe ao Ministério Público “propor os castigos merecidos” aos envolvidos. “A solidez da democracia exige zelo, cuidado e reafirmação. É preciso estar vigilante a impetus autoritários.”

Moraes o sucedeu na tribuna e, em seu discurso, focou na necessidade de regulamentação das plataformas digitais, além de também defender punição aos golpistas. “Todos os que pactuaram covardemente com a quebra da democracia e com a tentativa de instauração de um estado de exceção serão devidamente investigados. A impunidade, o apatrigamento e o esquecimento não representam paz e união.”

Barroso reiterou a fala que já havia feito anteriormente no STF. Segundo ele, “não há mais espaço na democracia brasileira para quebras institucionais”. O presidente da Corte disse que o atentado foi “meticulosamente preparado”, diante dos anos de ataques às instituições que precederam o episódio. “Precisamos de um choque de cividade no país. Ódio e golpismo nunca mais.”

Pacheco disse que o evento não tinha caráter político, mas de “reafirmação da opção democrática feita pelo povo brasileiro”, em nome “da maturidade e da solidez das instituições”. Para o senador, os vândalos “recorreram à desordem para simular uma força que não possuem”.

“Os inimigos da democracia disseminam ódio para enganar e recrutar uma parcela da sociedade, usam um falso discurso político para ascender ao poder, para nele se manter de maneira ilegítima e para dissimular suas reais intenções”, disse. “Estamos aqui para assegurar que a Constituição foi e continuará sendo cumprida. Ela não é letra morta.”

Ao encerrar a solenidade, Lula disse que, se as forças de segurança não tivessem atuado para impedir o golpe, “a vontade soberana do povo brasileiro expressa nas urnas teria sido roubada, e a democracia teria sido destruída”. Para o presidente, a esta altura, “o Brasil estaria mergulhado no caos econômico e social”.

“O combate à fome e à desigualdade teria voltado à estaca zero. O Brasil estaria novamente isolado do mundo e a Amazônia, em pouco tempo, estaria reduzida a cinzas para a boiada e o garimpo ilegal passarem. Nós salvamos a democracia, mas ela nunca está pronta. É imperfeita porque somos humanos, mas temos o dever de unir esforços para aperfeiçoá-la.” (Luís Martins, Guilherme Pimenta, Isadora Peron, Marcelo Ribeiro, Rafael Bitencourt, Julia Lindner, Caetano Tonet, Renan Truffi, Fabio Murakawa e Gabriela Pereira)

“Recorreram à desordem para simular uma força que não possuem”
Rodrigo Pacheco

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Valor Econômico - São Paulo/SP

Seção: Política Caderno: A Pagina: 8